

ADAPTADO PARA O CINEMA PELA TWENTIETH CENTURY FOX

JASON MATTHEWS

OPERAÇÃO
RED SPARROW

PRONTA PARA SEDUZIR,
TREINADA PARA MATAR.



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Suzanne, Alexandra e Sophia

CAPÍTULO 1

APÓS DOZE HORAS DE RDV (Rota para Detecção de Vigilância), Nathaniel Nash não sentia nada da cintura para baixo. As pernas eram toras de madeira que percorriam os paralelepípedos de uma rua secundária de Moscou. A noite já caíra havia muito e ele ainda provocava os vigilantes russos, tentando atraí-los para fora da toca. Até o momento, nada – nenhuma unidade se esgueirando pelos cantos, ninguém rastejando no chão ou surgindo repentinamente das esquinas atrás dele, nenhuma reação a seus movimentos. Será que não havia mesmo ninguém? De acordo com a natureza do Jogo, não detectar operações de vigilância era pior do que se descobrir cercado por espíões.

Era início de setembro, mas havia nevado entre a primeira e a terceira hora da rota, o que fora muito útil para acobertar a fuga de Nate. No fim daquela manhã ele saltara do Lada Combi em movimento conduzido por Leavitt desde a estação. Sem dizer nada, seu parceiro erguera três dedos para sinalizar o tempo de que Nate disporia para pular assim que a perua dobrasse a esquina seguinte. Os agentes do serviço federal de segurança russo, conhecido pela sigla FSB, que vi-nham logo atrás, não notaram a fuga realizada naqueles rápidos três segundos, passando direto por Nate – que se escondera atrás de um banco de neve – para continuar seguindo o automóvel. Ele deixara seu celular da embaixada, parte de seu disfarce, dentro do veículo – o FSB que ficasse à vontade para rastrear o aparelho pelas próximas três horas. Durante a manobra, ao rolar pela calçada, Nate machucara o joelho, que enrijecera nas primeiras horas mas agora estava tão dormente quanto o resto de seu corpo. Enquanto escurecia, ele havia percorrido metade de Moscou a pé, sem detectar nenhum esquema de vigilância. Tudo indicava que ele estava invisível.

Nate pertencia a um pequeno grupo de agentes da CIA treinados especificamente para operar sob vigilância no campo inimigo. Quando estava em ação nas ruas, não havia nenhum momento de dúvida ou hesitação, nenhum espaço para apreensões de qualquer natureza, muito menos para o medo do fracasso. E naquela noite não estava sendo diferente. Volta e meia ele dizia a si mesmo: *Ignore o frio que comprime seu peito, continue dentro de sua bolha sensorial e deixe que ela expanda junto com o estresse.* A visão estava boa como sempre. *Mantenha o*

foco nas médias distâncias, identifique os pedestres e veículos recorrentes. Observe cores e formatos. Chapéus, casacos, carros. Sem pensar muito, ele ia registrando os ruídos da cidade que escurecia à sua volta: o zum-zum dos ônibus elétricos correndo pelos cabos suspensos, o sibilar dos pneus na rua molhada, o crepitar do pó de carvão que ele mesmo ia pisando ao caminhar. A atmosfera recendia a óleo diesel e carvão queimados; de algum exaustor vinha o cheiro barroso de uma sopa de beterraba sendo preparada. Nate era um diapasão que reverberava no ar gelado da noite, alerta e pronto para reagir, mas estranhamente calmo. Ao final de doze horas de RDV não havia mais dúvida: ele estava invisível.

No relógio: 22h17. Faltavam dois minutos para o agente de 27 anos se encontrar com uma lenda da contraespionagem, o homem que para a CIA era a joia da coroa, o ativo mais valioso do seu patrimônio de informantes. Marble estava a 300 metros dali, numa rua discreta. Com 60 e poucos anos, o sofisticado russo era major-general do SVR, o serviço de operações externas de inteligência que havia substituído a Primeira Diretoria Geral da KGB. Marble vinha prestando seus serviços havia catorze anos, um tempo considerável levando-se em conta que à época da Guerra Fria os informantes russos não duravam mais que dezoito meses. As fotos granuladas dos agentes do passado iam passando pelas retinas de Nate à medida que ele esquadrihava a rua: Penkovsky, Motorin, Tolkachev, Polyakov... e outros tantos, todos já mortos. *Este, não. Não no meu turno.* Ele não falharia.

Marble era agora chefe do Departamento das Américas do SVR, um posto que lhe permitia acesso quase irrestrito. Formado pela cartilha antiga da KGB, ele colhera seus louros (e estrelas de general) ao longo de uma carreira que se revelara espetacular não só por conta dos inúmeros sucessos operacionais que obtivera no exterior, mas também por ter sobrevivido a todo tipo de expurgos, reformas e disputas de poder dentro do próprio Kremlin. Não tinha nenhuma ilusão quanto à natureza do sistema ao qual servia, e havia adquirido uma antipatia natural pela falsidade, mas era um profissional dedicado e leal. Aos 40 anos, já coronel e servindo em Nova York, recebera uma resposta negativa ao consultar a central para saber se podia levar a esposa a um oncologista americano, e por conta de mais essa demonstração de intransigência soviética, ela morrera num hospital moscovita, abandonada nos corredores de uma enfermaria qualquer. Depois disso, Marble levou oito anos para se decidir e encontrar uma abordagem segura junto aos americanos a fim de se oferecer como informante.

Na sua estreia como informante estrangeiro (ou agente, segundo a nova terminologia da CIA), Marble reportara-se calmamente a seus superiores (ou operadores), desculpando-se em tom autodepreciativo pela escassez das informa-

ções de que dispunha. Na sede da CIA em Langley, o espanto fora geral. O russo lhes presenteara com um verdadeiro tesouro de dados sobre as operações da KGB e do SVR, e sobre o alcance que tinham nos governos estrangeiros. Depois disso, sempre que possível ele aparecia com as pérolas mais cobiçadas: os nomes dos americanos que espionavam para a Rússia. Dessa forma, tornara-se um informante singular e inestimável.

No relógio: 22h18. Nate dobrou a esquina e foi caminhando pela calçada esburacada da rua estreita, prédios residenciais em ambos os lados, as árvores sem folhas e cobertas de neve. Mais à frente, contra as luzes que vinham do cruzamento, uma silhueta familiar surgiu na esquina seguinte e veio a seu encontro. O velho era um profissional: chegara exatamente na hora marcada, nem um segundo a mais ou a menos.

Nate se animou ao vê-lo e até esqueceu o cansaço. No mesmo instante, começou a varrer a rua com os olhos em busca de algo fora do comum. *Nenhum carro. Olhe para cima. Nenhuma janela aberta, nenhuma luz acesa. Olhe para trás. Cruzamentos tranquilos. Nenhum morador varrendo a calçada, nenhum mendigo zanzando por perto.* Apesar de todas as horas que ele dedicara a sua rota, de todas as táticas de provocação e toda a espera no frio, bastaria um único descuido de sua parte para que o informante russo fosse descoberto e aniquilado. O que para ele seria mais do que a perda de uma fonte preciosa e o início de uma crise diplomática: seria a morte de um homem que ele aprendera a admirar. Não, Nate não iria falhar.

Marble vinha sem nenhuma pressa. Eles haviam se encontrado duas vezes antes. O velho agente já trabalhara com uma longa série de operadores americanos e disciplinara cada um deles com maior ou menor grau de sucesso. Em alguns ele detectava uma burrice galopante; noutros, via uma espécie de *langueur*, um desinteresse que cedo ou tarde poderia se revelar fatal. Nate era diferente. Era interessado. Tinha uma chama interna, um rigor, uma capacidade de concentração, uma necessidade de acertar sempre. Ainda era um tanto imaturo, e bastante impulsivo também. Marble reconhecia isso, mas via com bons olhos aquele fogo que o diferenciava dos demais.

Ficou contente ao avistar o jovem americano. Nate tinha altura mediana, porte esguio e cabelos pretos emoldurando um rosto de nariz reto e olhos castanhos que agora se moviam de um lado a outro, não nervosos, mas atentos a tudo o que se passava às costas do velho.

– Boa noite, Nathaniel – cumprimentou o russo.

Tinha um ligeiro sotaque britânico, adquirido nos anos que passara em Londres e atenuado naqueles em que vivera em Nova York. Falara em inglês como

um capricho, uma demonstração de consideração com seu operador, apesar de Nate ser praticamente fluente na língua russa. Marble era um homem atarracado, de olhos escuros e profundos ladeando o nariz gordo. As sobrancelhas brancas e fartas combinavam à perfeição com sua juba ondulada e lhe conferiam o aspecto típico de um cosmopolita elegante.

As normas ditavam que eles usassem seus respectivos codinomes, mas isso seria ridículo. Marble tinha acesso às fotos de todos os membros da diplomacia estrangeira e sabia muito bem como Nate se chamava.

– É um prazer revê-lo. – Ele avaliou o mais jovem por um instante, depois disse: – Você está bem? Parece cansado. Quantas horas durou a rota de hoje?

Eram perguntas gentis, claro, mas ainda assim ele queria saber. Marble nunca dava nada por certo.

– *Dobryj vecher, dyadya* – respondeu Nate. Começara a tratá-lo como “tio”, em parte para demonstrar respeito, em parte porque gostava mesmo do homem. Ele conferiu o relógio. – Doze horas. As ruas me parecem limpas.

Nate sabia que o mais velho tinha bons motivos para se preocupar com o rigor de sua RDV.

Marble não fez nenhum comentário. Os dois caminharam juntos em meio às sombras que as árvores projetavam na calçada. A noite estava gelada, ainda que não ventasse. Eles tinham cerca de sete minutos para a reunião.

Nate ouvia mais do que falava, e ouvia com atenção. O mais velho falava rápido, mas sem precipitação, um misto de fofoca e politicagens do trabalho, quem vinha ganhando prestígio na casa, quem andava com a corda no pescoço. O resumo de uma operação recente, um recrutamento realizado com sucesso pelo SVR num país estrangeiro. Os detalhes estavam todos nos discos. Embora se tratasse de um relatório profissional, a conversa entre eles poderia muito bem ser confundida com um papo informal entre dois amigos. O tom de voz de ambos, o contato visual, as risadinhas de Marble. A ideia era exatamente essa.

Enquanto andavam, tanto Nate quanto o informante refreavam o impulso de se dar os braços como pai e filho. Ambos sabiam que não podia haver nenhum contato físico entre eles. Ossos do ofício: sempre havia o risco de uma contaminação com *metka*, o pó que a espionagem russa usava para marcar e seguir seus suspeitos. Fora o próprio Marble que reportara um programa secreto para polinizar agentes da CIA supostamente infiltrados na embaixada americana em Moscou. Tratava-se do nitrofenil pentadienal (NPPD), um composto químico de tom amarelado e aspecto granuloso. Espargido em roupas, capachos e volantes, era concebido para se espalhar feito o pólen pegajoso de um narciso a partir de um simples aperto de mão, por exemplo, e daí passar para uma lapela, uma folha

de papel, o que fosse. O pó marcava invisivelmente tudo aquilo que fosse tocado por um agente americano. Portanto, um oficial russo cujas mãos, roupas ou mesa se revelassem fluorescentes com o NPPD – prova de que ele tivera contato com o agente polinizado – estaria em maus lençóis. Marble havia deixado Langley em polvorosa ao relatar que diversas variantes de *metka* eram usadas em polinizados diferentes, de modo que cada um pudesse ser identificado com precisão.

A certa altura da caminhada, Nate tirou do bolso uma embalagem plástica. Baterias novas para o equipamento de comunicação secreto de Marble: três maços de cigarro cinzentos e pesadíssimos. O equipamento era usado para transmitir notícias importantes e manter contato durante os intervalos entre cada encontro pessoal. No entanto, essas reuniões ao vivo, apesar de breves e muito perigosas, eram infinitamente mais produtivas. Era nelas que Marble passava seus discos e pen drives com rios de informações de inteligência. Era nelas também que equipamentos e rublos eram reabastecidos. Além disso, havia o contato humano, a oportunidade de trocar algumas palavras e renovar aquela parceria quase religiosa.

Nate abriu a embalagem plástica diante de Marble e o russo pescou com todo o cuidado as baterias previamente embaladas num laboratório esterilizado na Virgínia. Em seguida, depositou dois discos na mesma embalagem e disse:

– Calculo que haja uns 5 metros lineares de arquivos nestes discos. Com os meus cumprimentos.

Nate notou que o velho espião ainda usava metros lineares no lugar de bytes para medir os arquivos que roubava.

– Obrigado – falou. – Incluiu os resumos?

Os analistas americanos haviam suplicado a Nate que lembrasse Marble de acrescentar pequenos sumários a cada grupo de arquivos de modo que eles pudessem priorizar a tradução e o processamento das informações.

– Sim, dessa vez eu lembrei. Também acrescentei um novo organograma no segundo disco, algumas pequenas mudanças de pessoal, nada de muito assustador. E uma agenda dos meus planos de viagem para o ano que vem. Tenho inventado motivos operacionais para viajar. Está tudo aí – concluiu, apontando o queixo para o saquinho plástico.

– Vai ser ótimo encontrar com você fora de Moscou – comentou Nate.

O tempo corria. Eles haviam alcançado o fim da rua e agora voltavam devagar pela mesma calçada.

Marble ficou pensativo, depois disse:

– Sabe... tenho refletido sobre minha carreira, sobre a relação com meus amigos americanos, sobre o futuro que me espera. É provável que eu ainda tenha

alguns anos de trabalho antes da aposentadoria. Política na velhice... o pior dos equívocos. Talvez ainda fique na ativa por mais três ou quatro anos, quem sabe dois. Às vezes acho que seria agradável me aposentar em Nova York. O que você acha, Nathaniel?

Nate parou e se virou ligeiramente para ele. Ficou preocupado. Que conversa era aquela? Seria possível que seu agente estivesse em algum tipo de apuro? Marble ergueu a mão como se fosse apertar o braço dele, mas parou a meio caminho.

– Por favor, não se preocupe – falou. – Estou só pensando em voz alta.

Nate olhou de esguelha para ele. Viu que o russo parecia mesmo tranquilo. Era natural que um agente pensasse na aposentadoria, que sonhasse com o fim dos riscos e perigos de uma vida dupla, com o dia em que não precisasse mais se afligir cada vez que batessem à sua porta. Esse tipo de rotina sempre levava ao cansaço, e o cansaço sempre acabava acarretando erros. Nate se perguntou se de fato detectara uma nota de exaustão na voz de Marble. Teria que ser cuidadoso ao descrever todas as nuances daquela conversa no relatório que enviaria no dia seguinte. O mais comum era que os eventuais problemas de um caso fossem imputados ao operador designado, problemas dos quais ele não precisava.

– Tem alguma coisa errada? Algum problema de segurança? – perguntou Nate. – Você sabe que há uma conta bancária à sua espera. Pode se aposentar onde quiser. E contar sempre com o nosso apoio.

– Não, está tudo bem. Ainda temos trabalho pela frente. Depois poderemos descansar – retrucou Marble.

– É uma honra trabalhar com você – disse Nate, e foi sincero. – Sua contribuição tem sido inestimável.

O velho olhava para baixo enquanto eles seguiam pela rua escura. O encontro já se estendia por seis minutos. Hora de partir.

– Está precisando de alguma coisa? – quis saber Nate, e fechou os olhos para se concentrar. Baterias entregues, discos recebidos, sumários incluídos, agenda das viagens para o exterior. A única coisa que faltava era marcar o próximo encontro. – Acha que podemos nos rever daqui a três meses? Dezembro, inverno brabo. De repente podemos nos encontrar nesse local novo, o Eagle, perto do rio.

– Sim, claro – disse Marble. – Mando uma mensagem com uma semana de antecedência para confirmar.

Eles se aproximavam da mesma esquina de antes, caminhando devagar rumo à luz mais intensa do cruzamento. Um letreiro de neon indicava a entrada do metrô do outro lado da rua.

Nate sentiu um frio súbito percorrer a espinha quando avistou um carro atravessando lentamente o cruzamento, um sedã Lada decrépito com dois homens na frente. Ele e o russo se recostaram à fachada de um prédio, sumindo por completo numa sombra. Marble também vira o sedã – era tão experiente em esquadrihar as ruas quanto seu jovem operador. Um segundo veículo, um Opel mais novo, atravessou na direção oposta com dois homens olhando para o outro lado. Ao virar para trás, Nate viu que um terceiro automóvel acabara de dobrar a esquina e vinha descendo a rua em baixa velocidade, apenas com os faroletes acesos.

– É uma varredura – sussurrou Marble. – Você não estacionou por aqui, estacionou?

Nate balançou a cabeça em negativa. Não, porra, claro que não. Seu coração retumbava no peito. Por um rápido instante ele olhou para Marble e em seguida os dois agiram em total harmonia, como se fossem uma só pessoa. Ignorando o *metka*, esquecendo de todo o resto, Nate ajudou Marble a despir o casaco escuro ao mesmo tempo em que o virava pelo avesso, transformando o traje dupla face em outro totalmente diferente, mudando o corte e deixando-o com uma cor bem mais clara, manchado e puído nas costuras. Depois o auxiliou a vesti-lo de novo. De um bolso interno do próprio casaco, Nate tirou um chapéu de pele roído pelas traças (parte de seu disfarce) e o enterrou na cabeça do informante. Em seguida, Marble colocou os óculos que ele mesmo levava, um par pesado com uma das hastes colada com fita adesiva. Por fim, Nate enfiou a mão em outro bolso e pescou lá de dentro uma bengala retrátil de três partes, abriu-a com um sacolejo e a posicionou na mão do russo com toda a rapidez.

O moscovita de meia-idade não estava mais lá; fora substituído em oito segundos pelo aposentado maltrapilho que agora coxeava rua abaixo com o auxílio de sua bengala. Nate conduziu o informante gentilmente para a entrada do metrô do outro lado do cruzamento. Sabia que não era o procedimento correto, que correria o risco de ser acuado no subsolo de uma estação, mas se Marble conseguisse escapar dali teria valido a pena. O disfarce do russo precisaria bastar contra as inúmeras câmeras de segurança ao longo da plataforma.

– Vou tirar esse pessoal daqui – disse Nate enquanto Marble se preparava para atravessar o cruzamento.

O espião veterano virou-se para ele, sério porém afável, e se despediu com uma piscadela. *Esse homem é uma lenda viva*, pensou Nate. Mas não havia tempo para tietagem. Sua prioridade agora era distrair aquela pequena frota de vigilância, chamando-a para si e afastando-a o máximo possível de Marble. De modo algum poderia ser detido, pois, se aqueles homens encontrassem os

discos que ele levava no bolso, a consequência seria a mesma da detenção do próprio Marble: o informante seria eliminado.

Não no turno dele.

Nate sentia a cabeça e a garganta queimarem com o ar frio que inalava. Os músculos do abdômen se contraíam pelo mesmo motivo. Erguendo a gola do casaco, atravessou a rua diante do carro que percorrera metade do quarteirão. Decerto eram homens do FSB, que operava exclusivamente no território da Federação Russa. Estavam jogando em casa.

O motorista acelerou o motor de 1200cc do Lada e acendeu o farol alto, que resplandeceu na rua molhada. Nate correu para o quarteirão seguinte e, ao chegar lá, se jogou no poço da escada que levava a um apartamento de subsolo, um lugar imundo que fedia a mijo e vodca. Ouviu o veículo se aproximar, então se deu conta de que não poderia ficar ali, que teria que seguir fugindo pelos becos da vizinhança, pelas passarelas de pedestres, pelas escadas que levavam ao rio. *Procure barreiras, linhas ferroviárias, mude de direção assim que sumir de vista. Engane os algozes, se esgueire para o outro lado das barricadas.* Relógio: quase duas horas.

Exausto, ora ele corria, ora caminhava, ora se agachava entre os carros estacionados, ouvindo os motores se aproximarem em um momento, se afastarem no seguinte, depois voltarem a se aproximar, tentando chegar perto o bastante para ver o rosto dele, colocá-lo de bruços no chão com o rosto contra o asfalto, enterrar as mãos em seu bolso. Ele podia ouvir a estática dos rádios que eles usavam, os berros que davam, seu desespero crescendo.

Seu primeiro instrutor de vigilância durante o período de treinamento lhe dissera: *Você deve sentir a rua, Sr. Nash. Não importa se é a Wisconsin Avenue ou a Tverskaya: você precisa sentir a rua.* Era exatamente isso que ele fazia agora, mas os russos eram muitos, ainda que não soubessem sua localização exata. Pneus cantavam nos paralelepípedos molhados enquanto os carros zanzavam de um lado a outro. A boa notícia era que eles ainda não tinham coordenadas suficientes para persegui-lo a pé, e a má notícia era que o tempo corria a favor deles. Ainda bem que continuavam na sua cola, o que significava que não estavam focados em Marble. Nate fez uma rápida oração, agradecendo por ter conseguido despachar o velho para o metrô e por aquela equipe de vigilância não o ter seguido desde o início, pois isso significaria que um segundo time estaria atrás de Marble naquele exato momento. Não, ninguém botaria as mãos no agente, *seu agente*, tampouco nos discos que ele havia lhe passado e que eram nitroglicerina pura. Os pneus sibilantes finalmente se afastaram e o silêncio tomou conta da rua de novo.

Relógio: mais de duas horas. Com as pernas e a coluna em frangalhos, a visão turvada nos cantos, Nate seguiu por uma ruela, esgueirando-se no escuro, torcendo para que eles tivessem ido embora, imaginando os carros de volta na garagem, enlameados, estalando de tão quentes enquanto os homens recebiam uma merecida descompostura no gabinete do chefe. Fazia vários minutos que Nate não via carro algum, e deduziu que já estivesse fora do perímetro de busca da equipe. A neve voltara a cair.

Pouco depois, no entanto, um carro parou de repente na esquina, deu ré e entrou na ruela, os faróis iluminando os flocos que caíam. Nate se espremeu contra a fachada mais próxima, tentando reduzir a própria silhueta e os contrastes, mas estava certo de que o tinham visto. Assim que os faróis o localizaram, o motorista acelerou em sua direção, aproximando-se do lado da ruela onde ele se encontrava. Perplexo, Nate mal acreditou quando o veículo continuou acelerando com a porta do passageiro a poucos centímetros das fachadas, os limpadores de para-brisa trabalhando a pleno vapor e, atrás deles, dois rostos concentrados. Esses animais do FSB... Seria possível que não o estivessem vendo? De súbito, Nate se deu conta de que eles o viam muito bem e que seu objetivo parecia ser esmagá-lo contra a parede. *É uma regra tácita que as equipes de vigilância nunca, jamais, usem de violência quando seu alvo é um diplomata estrangeiro*, os instrutores haviam dito. Nesse caso, bem, que diabo aquela gente estava fazendo? Nate olhou para trás e viu que a entrada da ruela estava longe demais.

Sinta a rua, Sr. Nash. Foi então que ele *sentiu*, pouco à frente, o cano de escoamento que se prendia à fachada de tijolos por meio de grampos metálicos, um sólido cano de ferro fundido no qual ele se jogou para depois escalar, usando os grampos como apoio. Já estava alto o bastante quando ergueu as pernas e o carro passou por baixo dele, batendo ruidosamente contra o cano e achatando-o na base. O motor morreu e Nate, sem forças para continuar pendurado, saltou para o teto do carro e de lá para o chão. A porta do motorista se abriu e um homem grande, usando chapéu de pele, começou a sair. Equipes de vigilância jamais usam de violência? Nate não estava disposto a pagar para ver. Sem hesitar, bateu a porta na cabeça do homem, ouviu o berro dele, viu seu rosto contorcido de dor e deu mais duas pancadas fortes e rápidas. O sujeito caiu de volta para o interior do carro e o companheiro dele, sem poder descer por seu lado, já estava se espremendo rumo à porta traseira. Hora de voltar a correr, pensou Nate, e disparou ruela afora até dobrar a esquina.

Uns três prédios adiante ele se viu à porta de um restaurante minúsculo e imundo, aberto apesar da hora, as luzes vazando para a calçada. Ao escutar o carro rugir de novo na ruela, talvez tentando sair de ré, ele rapidamente entrou

no restaurante vazio e fechou a porta às suas costas. Um único cômodo, não mais que um balcão de serviço nos fundos, algumas mesas decrépitas, paredes manchadas e uma cortina de renda encardida sobre a janela. Do outro lado do balcão, uma velha com apenas dois dentes pontudos lia seu jornal enquanto ouvia um rádio de sinal muito fraco. A seu lado, em cima de um fogão elétrico, duas panelas surradas de alumínio quase transbordavam com a sopa que havia nelas. O ambiente recendia a cebola.

Fazendo um esforço para que as mãos parassem de tremer, Nate caminhou até o balcão e, em russo, pediu um prato de sopa de beterraba à mulher de olhar vazio. Em seguida se recostou à janela fechada e aguçou os ouvidos. Um carro passou na rua, depois outro, e só. No rádio, um comediante contava uma piada:

Krushchev visitou uma fazenda de porcos e foi fotografado por lá. Na redação do jornalzinho da cidade, houve uma acalorada discussão sobre a melhor legenda para a foto. “Camarada Krushchev entre os Porcos”? “Camarada Krushchev e os Porcos”? “Porcos e o Camarada Krushchev”? Não, nada disso estava bom. Por fim o editor bateu o martelo: “Camarada Krushchev, o terceiro da esquerda para a direita.”

A velha riu do outro lado do balcão.

Após mais de doze horas sem comer ou beber nada, Nate devorava sua sopa grossa com uma colher trêmula. A velha o fitou por algum tempo, depois se levantou e contornou o balcão para ir até a porta da frente. Nate acompanhou o movimento dela de esguelha. Ela entreabriu a porta, olhou para ambos os lados da rua e depois a fechou de novo. Voltou a seu lugar atrás do balcão e pegou o jornal que deixara ali. Assim que terminou de comer, Nate se levantou e deixou alguns copeques sobre o balcão. A velha encarquilhada contou as moedas, varreu-as para dentro de uma gaveta, ergueu o olhar para ele e disse:

– Está certo. Vá com Deus.

Nate evitou encará-la e então foi embora.

Dali a uma hora, encharcado de suor e trêmulo de cansaço, ele enfim atravessou a guarita do complexo da embaixada americana. Os discos de Marble estavam enfim em segurança. Aquele não era o modo correto de encerrar uma noite de trabalho, mas o horário marcado para sua coleta já passara havia muito tempo. Sua entrada foi devidamente protocolada e em meia hora o FSB (e logo depois o SVR) foi informado de que tinha sido o jovem Sr. Nash, do setor econômico da embaixada americana, quem passara boa parte da noite fora de alcance. E eles achavam que sabiam por quê.

SOPA DE BETERRABA DA VELHA

Derreter manteiga numa panela grande; refogar cebolas picadas até que fiquem transparentes; acrescentar três beterrabas raladas, um tomate picado, caldo de carne, vinagre, açúcar, sal e pimenta. O caldo deve ficar agridoce. Deixar ferver e cozinhar por uma hora. Servir quente com uma colherada de creme azedo e endro picado.

CAPÍTULO 2

NA MANHÃ SEGUINTE, O CLIMA não era nada bom em dois gabinetes diferentes, em pontas opostas de Moscou. Na sede do SVR, em Yasenevo, o primeiro vice-diretor Ivan (Vanya) Dimitrevich Egorov lia o relatório sobre as operações da equipe de vigilância do FSB da véspera. Brandos raios de sol atravessavam as grossas vidraças que davam para a floresta de pinheiros em torno do prédio. Alexei Zyuganov, o diminuto chefe da Linha KR de contrainteligência, estava de pé diante da mesa de Egorov – não fora convidado a se sentar. Os amigos mais próximos (ou talvez apenas a mãe) chamavam o peçonhento anão de “Lyosha”, mas não naquela manhã.

Aos 65 anos, Vanya Egorov era o major-general mais antigo no SVR. Tinha uma cabeça enorme com uma coroa de cabelos grisalhos, olhos castanhos e afastados, boca carnuda, ombros largos, uma pança respeitável e mãos grandes e fortes. Tudo isso lhe conferia o aspecto de um gigante de circo. Estava usando um elegante terno escuro de tecido pesado, feito sob medida no ateliê de Augusto Caraceni, em Milão, com uma gravata azul-marinho e sapatos de verniz novinhos em folha assinados por Edward Greens.

Como tantos outros, Egorov começara a carreira como oficial de campo da KGB, mas, depois de um sem-número de missões nos confins mais tórridos da Ásia, chegara à conclusão de que não era exatamente talhado para o trabalho em campo. De volta a Moscou, soubera driblar as virulentas disputas de poder na organização e ocupara diversos postos de grande visibilidade, a princípio no setor de planejamento, depois na administração e, por fim, no recém-criado posto de inspetor geral. Exercera um importante papel na mudança da KGB para SVR em 1991, escolhera o lado certo das trincheiras por ocasião do fracassado golpe de Kryuchkov contra Gorbachev, em 1992, e em 1999 fora notado

pelo apático vice-primeiro-ministro Vladimir Vladimirovich Putin, um escorpião de cabelos louros e lânguidos olhos azuis. No ano seguinte, Yeltsin estava fora, e Putin, contrariando todas as expectativas, assumira o comando do Kremlin. Vanya Egorov ficara esperando o telefonema que sem dúvida não tardaria.

“Quero que você cuide das coisas pra mim”, Putin lhe dissera durante uma entrevista de apenas cinco minutos no imponente gabinete presidencial do Kremlin, a exuberante madeira dos lambris refletindo-se de um modo sinistro nos olhos do novo presidente. Ambos sabiam que “coisas” eram aquelas, e Vanya voltara para Yasenevo, a princípio como terceiro vice-diretor, depois como segundo, até que passara a ocupar o gabinete do primeiro vice-diretor, bem em frente à suíte de salas do diretor. Fazia um ano que estava lá.

O clima ficara tenso antes das eleições no último mês de março, os malditos jornalistas e os partidos de oposição praticamente sem controle, o que nunca acontecera antes. O SVR procurara alguns dissidentes, operara com discrição nas diversas zonas eleitorais e enviara relatórios sobre alguns parlamentares da oposição. Um oligarca colaboracionista havia sido orientado a formar um novo partido apenas com o intuito de canalizar votos e dividir o contingente inimigo.

Vanya, por sua vez, arriscara tudo ao sugerir pessoalmente a Putin que os ocidentais, sobretudo os americanos, fossem responsabilizados por insuflar as inúmeras manifestações populares que haviam precedido as eleições. O candidato adorara a sugestão e a aceitara sem pestanejar, já contemplando o retorno da Rússia ao cenário internacional. Chegara ao ponto de cumprimentar Vanya com tapinhas nas costas, talvez porque eles tivessem trajetórias tão parecidas, talvez porque ambos houvessem realizado tão pouco como oficiais de inteligência durante suas breves missões fora do país, ou talvez porque um informante fosse capaz de reconhecer outro *nashnik*. Fosse o que fosse, Putin gostava dele, e Vanya Egorov sabia que seria recompensado. Estava próximo das alturas. Tinha tempo de serviço e poder para continuar subindo. E era isso que ele queria.

Ocorre que o capataz de uma fazenda de cobras inevitavelmente será picado se não agir com extrema cautela. O Kremlin atual era todo ternos e gravatas, sorridentes reuniões de cúpula e comunicados de porta-vozes, mas qualquer um com tempo suficiente de casa poderia atestar que, na essência, pouco ou nada havia mudado desde os tempos de Stalin. Amizade? Lealdade? Proteção? Bastava um único tropeço operacional ou diplomático, ou pior, alguma falha que colocasse o presidente em maus lençóis, para que uma tempestade desabasse na cabeça do infeliz, uma *burya* contra a qual não havia qualquer abrigo.

Vanya balançou a cabeça. *Chert vozmi*. Merda. Aquele episódio com Nash era exatamente o que ele *não* precisava.

– Não havia outra equipe de vigilância menos incompetente? – rugiu ele. Tinha o hábito de exagerar um pouco no drama quando estava diante de subordinados. – Não há a menor dúvida de que esse merdinha americano foi se encontrar com alguma fonte ontem à noite. Como é possível ele ter ficado fora do nosso radar por mais de doze horas? Aliás, o que esses vigilantes estavam fazendo naquela parte da cidade?

– Parece que estavam procurando por traficantes chechenos. Só Deus sabe o que o FSB anda fazendo ultimamente – explicou Zyuganov. – Aquele bairro... aquilo lá é um antro.

– Mas e a batida na ruela? Que diabo foi aquilo?

– Não está claro. Eles acreditavam ter acuado um checheno armado. É o que estão dizendo, mas acho difícil. O mais provável é que tenham se deixado levar pelo entusiasmo da busca.

– *Kolkhozniki*. Camponeses teriam se saído melhor. Vou pedir ao diretor que converse com o presidente na próxima segunda-feira. Não podemos permitir que diplomatas estrangeiros sejam achacados na rua, mesmo que estejam se encontrando com traidores russos – disse Egorov, e bufou. – O FBI vai começar a atacar nossos operadores em Georgetown se esse tipo de coisa voltar a acontecer.

– Também vou enquadrar meu pessoal, general. Os vigilantes vão se emendar, fique tranquilo. Sobretudo, se me permite sugerir, se lhes arranjarmos pequenas temporadas de *katorga*.

Egorov encarou seu chefe de contrainteligência com o rosto impassível, notando que por pouco ele não salivara ao usar o termo tsarista para *gulag*. Por Deus. Alexei Zyuganov era um cara baixo e de pele escura, com orelhas de abano e um rosto achatado que mais lembrava uma frigideira. Dentes podres e um risinho perene completavam o arquétipo Lubyanka. Apesar de tudo, era um subordinado confiável e malévolo que tinha lá sua utilidade.

– Podemos até criticar o FSB, mas uma coisa eu lhe garanto: esse americano está se encontrando com alguém importante. Um peixe graúdo que aqueles imbecis nem sequer tiveram capacidade de identificar. – Egorov jogou seu relatório sobre a mesa. – Portanto, Zyuganov, você já pode imaginar qual será sua missão daqui pra frente, não pode? – Ele fez uma pausa, e depois: – Descobrir. Quem. Ele. É – falou, batendo o indicador gordo no tampo da mesa para pontuar cada palavra. – Quero que você me traga a cabeça desse filho da puta traidor dentro de um cesto de palha.

– Será minha prioridade – retrucou Zyuganov, ciente de que, sem o mínimo de informações para seguir em frente, sem qualquer pista específica do infor-

mante na CIA, sem alguma sorte nas ruas, eles não teriam alternativa a não ser esperar.

Por ora ele não poderia fazer mais que investigações e interrogatórios, apenas para não perder o costume.

Egorov olhou mais uma vez para o relatório inútil. O único fato confirmado era a identificação de Nathaniel Nash ao portão da embaixada. Não havia ninguém mais que o tivesse visto para fornecer alguma descrição. O motorista de um dos carros da equipe (cuja foto, com um curativo sobre o olho esquerdo, fora incluída no documento, talvez para justificar o incidente na ruela) reconheceu o americano, assim como a sentinela à porta do complexo residencial da embaixada.

Aquela história poderia acabar muito bem ou muito mal, pensou Egorov. Muito bem se um badalado caso de espionagem fosse resolvido por mérito dele e para a desgraça dos americanos. Muito mal se um fiasco viesse acender o pavio curto de seu padrinho no Kremlin, o que seria o fim de sua carreira. Dependendo da ira do presidente, era bem possível que ele fosse parar num beliche ao lado de Khodorkovsky, o oligarca arruinado, na Colônia Penal Número 9 de Segezha.

Ao avaliar morbidamente as oportunidades e consequências políticas de toda aquela confusão, naquela manhã ele havia requisitado e lido o *liternoye delo*, ou arquivo operacional, de Nate: “Jovem, disciplinado, dedicado, fluente em russo. Nenhum excesso com mulheres ou álcool. Sem vício em drogas. Aplicado como chefe do setor econômico da embaixada. Eficaz no trabalho de espionagem; jamais telegrafa o intuito de suas missões.” *Molokosos*, resmungara Egorov ao ler tudo isso. Ianquezinho de merda.

Ergueu os olhos para seu chefe de contrainteligência. Zyuganov sentiu os cabelos se eriçarem na nuca e achou que devia demonstrar um pouco mais de entusiasmo. Ivan Egorov não tinha muita experiência em operações de campo, mas pertencia a uma espécie bastante comum na fauna do SVR: a dos burocratas politicamente ambiciosos.

– Sr. vice-diretor, o melhor caminho para descobrirmos a identidade do traidor que está vendendo nossos segredos é fechar o cerco em torno desse ianque que se acha um herói. Segui-lo aonde ele for. Colocar três equipes na cola dele, 24 horas por dia. Ordenar, ou melhor, pedir ao FSB que aumente a vigilância. Vamos deixar que eles monitorem o homem e depois, no momento certo, entramos com nossas equipes. Temos que descobrir onde será o próximo encontro. Porque sem dúvida haverá outro encontro daqui a três ou seis meses.

Egorov gostou do que ouviu. Repetiria aquilo quando fosse falar com o diretor mais tarde no mesmo dia.

– Muito bem, então. Ao trabalho. Me avise assim que tiver mais detalhes do que pretende fazer para que eu possa manter o diretor informado sobre a nossa estratégia – ordenou Egorov, e abanou a mão para dispensar seu subordinado.

“Sobre a *nossa* estratégia?”, pensou Zyuganov, e saiu.

O complexo da embaixada americana ficava a noroeste de Yasenevo, no distrito de Presnensky, entre o Kremlin e uma curva bastante acentuada do rio Moscou. Naquela mesma tarde, outra conversa desagradável acontecia no gabinete do chefe de estação da CIA, Gordon Gondorf. Assim como o chefe da Linha KR, Nate não fora convidado a se sentar e agora estava de pé diante da mesa de Gondorf. Os joelhos ainda doíam da noite anterior.

Enquanto o porte avantajado de Egorov lhe dava uma aparência de gigante de circo, a estatura e as feições angulosas de Gondorf o faziam lembrar, com assombrosa precisão, um cão de circo da raça Whippet. Tinha 1,70 metro de altura, cabelos ralos, olhos muito redondos e próximos demais, pés minúsculos. O que lhe faltava em estatura lhe sobrava em malícia. Gondorf (ou *Gondork*, como era chamado pelas costas, uma referência à gíria americana para “panaca”) não confiava em ninguém, tampouco se dava conta da ironia presente no fato de ele mesmo também não inspirar confiança. Vivia num inferno secreto que apenas seus pares de espionagem poderiam conhecer.

– Li seu relatório operacional de ontem – disse ele, mas em tom neutro, quase hesitante. – De acordo com o que escreveu, parece que ficou satisfeito com o resultado.

Nate sentiu um frio na barriga, antecipando a bronca que estava por vir. *Defenda sua posição*, pensou.

– O agente retornou em segurança. Acho que é um bom resultado, sim – afirmou.

Sabia muito bem aonde Gondorf queria chegar, mas deixaria que ele fizesse isso por conta própria.

– Nosso ativo mais valioso e prolífico quase foi preso ontem à noite. Por sua culpa. Seu encontro foi flagrado por uma equipe de vigilância, pelo amor de Deus!

Nate precisou conter a raiva.

– Fiz uma rota de doze horas ontem. Aliás, uma rota que *você* aprovou. Confirmei meu status. Eu estava invisível quando cheguei ao local do encontro, e Marble também.

– Então como você explica a presença das equipes de vigilância? – questionou

Gondorf. – Não é possível que acredite que elas estavam ali por acaso. Você não acha isso, acha? – emendou com sarcasmo.

– Foi exatamente isso que aconteceu – retrucou Nate. – É impossível que eles estivessem me procurando. Aquela merda toda na ruela... Eles não chegaram ali porque estavam me seguindo desde o início. Não é possível. Estavam ali por outro motivo e reagiram. Nem fizeram questão de ser discretos. Marble foi embora em completa segurança.

Nate não pôde deixar de notar que para o chefe não havia a menor importância que o tivessem tentado esmagar contra uma parede. Outra pessoa já estaria na sala do embaixador, exigindo, dedo em riste, que a embaixada formalizasse um protesto junto à diplomacia russa.

– Não diga bobagens – devolveu Gondorf. – A noite de ontem foi um desastre completo. Onde você estava com a cabeça quando colocou nosso homem no metrô? Aquilo é o mesmo que uma ratoeira! Além disso, ignorou todas as normas de procedimento quando o ajudou a virar o casaco pelo avesso. Ele tinha que fazer isso sozinho, você sabe muito bem! E se neste exato momento ele estiver ficando todo verde sob uma lanterna fluorescente?

– Foi uma decisão consciente. Julguei que a prioridade era colocá-lo num disfarce e tirá-lo dali o mais rápido possível. Marble é um cara experiente, sem dúvida já se livrou do casaco e da bengala. Podemos mandar uma mensagem pra ele, e eu confirmo tudo isso no nosso próximo encontro – propôs Nate.

A conversa era angustiante para ele, sobretudo porque o chefe não tinha o menor conhecimento das ruas.

– Não haverá próximo encontro. Pelo menos não com você, visado do jeito que está. Ontem à noite você foi identificado umas dez vezes! Sua fachada no Setor de Economia foi para o brejo, e, de agora em diante, pode acreditar: metade do serviço de vigilância de Moscou vai ficar no seu pé – disse Gondorf, visivelmente saboreando as palavras.

– Eles sempre souberam da minha posição de fachada. Sempre tive vigilantes no meu pé, você sabe disso. Posso muito bem continuar falando com os nossos ativos – argumentou Nate, apoiando-se no espaldar de uma cadeira.

Sobre a mesa do chefe havia uma granada esculpida em madeira com os seguintes dizeres na base: DEPARTAMENTO DE RECLAMAÇÕES. PARA UM ATENDIMENTO MAIS RÁPIDO, PUXE O PINO.

– Não. Não dá mais pra você continuar se encontrando com os agentes – decretou Gondorf. – Você agora é um ímã de problemas.

– Se realmente colocarem essa gente toda no meu pé, eles vão à falência – raciocinou Nate. – Aliás, a ideia até que não é má: ficar zanzando de carro por aí

durante seis meses só pra sugar os recursos e o contingente deles. Quanto mais vigilância na minha cola, mais fácil será manipulá-los.

Defenda sua posição.

Gondorf não ficou nem um pouco impressionado, muito menos convencido. O jovem ás da espionagem representava um enorme risco pessoal para ele, que havia muito tempo sonhava com a possibilidade de um posto no alto escalão após sua volta para Washington. Aquele risco não valia a pena.

– Nash, estou recomendando que sua temporada em Moscou seja abreviada. Você está muito visado neste momento, e é só uma questão de tempo até ser apanhado com um dos nossos informantes. – Ele ergueu o rosto para dizer: – Mas não se preocupe. Faço questão que obtenha uma ótima transferência.

Nate ficou perplexo. Até mesmo um espião de primeira viagem sabia que uma temporada abreviada por um chefe de estação – qualquer que fosse a razão – era o bastante para uma carreira ir por água abaixo. Além disso, não havia a menor dúvida de que Gondorf espalharia que ele havia metido os pés pelas mãos. Sua reputação extraoficial receberia um golpe do qual seria muito difícil se recuperar. Os novos trabalhos e as possíveis promoções ficariam seriamente comprometidos. Nate experimentou a velha sensação de que estava afundando em areia movediça.

Por outro lado, tinha a consciência absolutamente tranquila: na noite anterior ele salvara a vida de Marble com uma decisão rápida e acertada. Olhou para baixo, para o rosto impassível do chefe. Os dois sabiam muito bem o que estava acontecendo ali, e por quê. Portanto, para Nate, não fazia sentido evitar levar aquela conversa até as últimas consequências.

– Gondorf, você é um covarde filho da puta que se borra de medo das ruas. Resolveu me fritar só pra tirar o seu da reta. Sabe, foi muito educativo trabalhar nesta estação.

Ao sair da sala, observou que a ausência de um ataque de fúria por parte de Gondorf dava uma boa medida de quem ele era.



Cortado antes do fim da temporada. Melhor isso do que ser responsabilizado pela morte de um informante, por desvio de recursos ou pela falsificação de relatórios. Ainda assim, um desastre. Nate não sabia ao certo como isso afetaria seu futuro, mas tinha certeza de que a notícia se espalharia no instante em que o telegrama de Gondorf fosse recebido no QG. Alguns de seus colegas de treinamento já faziam seu segundo turno, subindo de degrau. Segundo ouvira dizer,

um deles já ocupava o posto de chefia numa estação menor. Os meses de treinamento adicionais em Moscou haviam lhe custado algum atraso, e agora isso.

Por mais que tentasse se convencer a não fazer tempestade em copo d'água, Nate não parava de se remoer. Crescera ouvindo que era importante não ficar para trás, que era fundamental vencer. A mansão palladiana em que fora criado às margens do rio James, na Virgínia, não era muito diferente de um ringue de luta, um ringue pelo qual já haviam passado muitas gerações da família Nash. O avô de Nate e depois seu pai, respectivamente o fundador e o sócio majoritário do escritório de advocacia Nash, Waryng & Royall em Richmond, haviam se alternado na cabeceira da ampla mesa de jantar e aplaudido os irmãos mais velhos de Nate (um com seus cachinhos desgrenhados à la Júlio Cesar e o outro com as madeixas partidas para o lado com todo o cuidado) enquanto eles se engalfinhavam feito dois capetas nos tapetes da sala, aprendiam o básico do Direito, levavam ao altar beldades peitudas daquelas que se calam e erguem os olhos azuis, obedientes, assim que os maridos chegam em casa.

Mas e quanto ao jovem Nate? O que vamos fazer com ele? Era isso que volta e meia se perguntavam. Formado em literatura russa pela Johns Hopkins, Nate havia buscado refúgio no campo espiritual e ascético de Gógol, Tchecov e Turgenev, o mundo mais distante de Richmond que conseguira encontrar. Os irmãos, assim como o pai, achavam aquilo um desperdício. Esperavam que ele também se formasse em Direito pela Universidade de Richmond, para a qual fora pré-aprovado, e posteriormente se juntasse ao escritório da família como sócio júnior. O diploma em letras, portanto, era um problema, e a subsequente candidatura para um posto na CIA havia causado uma grande crise familiar.

“Tenho absoluta certeza de que você ficará decepcionado com o serviço público”, o pai dissera. “Com toda a sinceridade, não consigo vê-lo feliz no meio daquela burocracia toda.” Tinha certa intimidade com a área, pois conhecia alguns ex-diretores da agência. Os irmãos, no entanto, eram bem menos cautelosos ao criticarem. Durante um feriado particularmente animado, eles haviam feito um bolão para saber quanto tempo Nate duraria em sua aventura na CIA. A previsão mais otimista não chegava a três anos.

A decisão de integrar os quadros da agência não tinha nada a ver com a vontade de escapar dos suspensórios e abotoaduras da vida de advogado, das colunatas de uma mansão colonial à beira do rio, das previsibilidades sufocantes de Richmond. Tampouco estava relacionada a uma noção de patriotismo: Nate não era nem mais nem menos patriota do que qualquer americano. Em vez disso, tinha tudo a ver com os saltos que seu coração dera quando ele, aos 10 anos, se obrigara a caminhar pelo beiral da mansão a uma altura de três andares, cara

a cara com os gaviões que plainavam sobre o rio, apenas para enfrentar o próprio medo, o pavor que tinha do monstro do fracasso. Tinha a ver com a tensão entre ele e o pai, ele e o avô, ele e os irmãos que exigiam uma conformidade que eles mesmos não estavam dispostos a oferecer.

Tratava-se dos mesmos saltos no coração que ele sentira durante as entrevistas iniciais na CIA, do tremor na voz que precisara controlar ao discursar sobre seu prazer em se comunicar com as pessoas, em enfrentar incertezas, em vencer desafios. No entanto, ao conseguir conter os sentimentos e a voz, ele tivera a grata constatação de que era capaz de agir com frieza e enfrentar as coisas sobre as quais não tinha controle. Trabalhar na CIA era algo de que ele precisava.

Mas o coração de Nate deu o salto mais forte quando ele recebeu de um recrutador a notícia de que seu pedido de ingresso na agência dificilmente seria aprovado, em grande parte porque ele não tinha nenhuma “experiência de vida” pós-formatura. Outro entrevistador, no entanto, mais otimista que o primeiro, confidenciara que o resultado excelente nas provas de russo fazia dele um ótimo candidato. Foram três meses até que a CIA tomasse sua decisão, e nesse período as apostas da família já giravam em torno da *data exata* do retorno de Nate para casa. A comoção foi a mesma quando o envelope chegou. Aprovado.

Em seguida vieram a apresentação no QG, intermináveis formulários para assinar, inúmeros cursos para fazer, meses de treinamento, auditórios com palestrantes sonolentos e uma infinidade de apresentações audiovisuais. Depois disso tudo, enfim, a fazenda e suas estradinhas pavimentadas cortando as florestas de pinheiros, os dormitórios com piso de linóleo, as salas de aula bolorentas de carpete cinza, os assentos numerados que haviam pertencido aos heróis do ano anterior e aos de quarenta anos atrás, recrutas sem rosto ou identidade, espões exímios ou não, os traidores que haviam debandado para o campo inimigo, os que já haviam morrido muito tempo antes e eram lembrados apenas pelos poucos que os conheciam.

Eles simulavam reuniões clandestinas, bem como recepções diplomáticas em que os novos recrutas se misturavam a instrutores sempre muito efusivos, trajando uniformes do Exército Soviético ou paletós compridos à la Mao Tse-Tung. Embrenhavam-se nos bosques com alguma engenhoca de visão noturna e iam contando os passos até encontrarem num toco de árvore o tijolo que haviam escondido num saco de anagem. Nas simulações de blitz, eram ameaçados por instrutores que se faziam passar por “guardas de fronteira” e os jogavam contra o capô do carro, esfregando papéis em suas caras e exigindo explicações. Às vezes iam para uma fazenda perdida no meio do nada e, enquanto bebiam vodca, tentavam convencer algum pseudo-oficial a cometer traição. Através dos

pinheiros, viam a superfície negra do rio se agitar com o mergulho de uma águia-pescadora durante o anoitecer.

Nate era bem-sucedido na maioria dos exercícios práticos. Não sabia dizer de onde vinham seus instintos, mas ele deixava para trás toda a pressão de seu passado familiar em Richmond e se entregava com confiança às simulações em que precisava driblar vigilantes para se encontrar com os pseudoinformantes, quase sempre fantasiados com os casacos e chapéus mais improváveis. Diziam que ele tinha um olho bom e Nate começava a acreditar nisso, mas a descrença dos irmãos mais velhos ainda pairava sobre ele como um fantasma. Seu grande pesadelo era fracassar, ser dispensado do treinamento e voltar para Richmond com o rabo entre as pernas. Recrutados eram mandados embora a todo instante, sem nenhum aviso prévio.

– Só nos interessam os alunos íntegros – disse certa vez o instrutor de técnicas de espionagem. – Não queremos saber de ninguém recorrendo a meios escusos para descobrir qual será a simulação seguinte e se dar bem. – Ele quase berrava. – Se um de vocês for flagrado com o bloco de anotações de um instrutor, ou com qualquer outro material de acesso restrito, será dispensado sumária e irrevogavelmente.

Nate tinha a impressão de que esse tipo de coisa era dito quase como um desafio.

Apesar de serem um grupo, os novatos não se misturavam entre si, cada um acalentando os próprios sonhos, imaginando uma primeira missão em Caracas, Atenas, Tóquio ou Nova Déli. A rivalidade entre eles ficava ainda mais acirrada nos coquetéis oferecidos pelos diversos departamentos da agência, uma espécie de cerimônia de recrutamento para jovens espiões. A tensão era a mesma que os jogadores sofrem antes de algum campeonato em que sabem que vários olheiros estarão presentes.

Numa dessas festinhas de fim de treinamento, Nate foi abordado por um homem e uma mulher e informado de que havia sido pré-aprovado para a Divisão Russa da CIA, de modo que não precisaria se candidatar a nenhum posto em outro lugar. Nate perguntou, com toda a delicadeza, se seu conhecimento da língua também não poderia ser aproveitado para lidar com russos no Oriente Médio ou na África, por exemplo, mas eles apenas sorriram, dizendo que o esperavam no QG antes do fim do mês.

Ele conseguira. Estava praticamente empregado. Fazia parte da elite.

Em seguida vieram as palestras sobre a Rússia moderna. Falaram sobre os problemas do comércio de gás natural com a Ucrânia, que afetavam toda a Europa, bem como sobre a velha mania do Kremlin de apadrinhar países do mal

para fazer justiça quando sua real intenção era *fazer o mal* e, em última análise, provar que a Rússia ainda não estava morta. Homens muito peludos discursaram sobre as promessas da Rússia pós-União Soviética, sobre eleições, reformas no sistema de saúde e crises demográficas, e sobre a triste possibilidade de a Cortina de Ferro voltar a se fechar diante de um par de olhos azuis que não deixavam escapar nada. A *Rodina*, a sagrada Pátria Mãe de terra escura e céu sem fim, teria que resistir um pouco mais enquanto o cadáver da União Soviética era içado do pântano em que o haviam afundado e seu coração era ressuscitado, e só então as velhas prisões poderiam ser enchidas de novo com os infiéis que não se emendavam.

Uma mulher dura e inflexível falou sobre a nova Guerra Fria, sobre as negociações veladas de desarmamento e os novos caças supersônicos capazes de voar de lado mas que ainda traziam uma estrela vermelha nas asas, sobre a fúria de Moscou após a instalação, por parte do Ocidente, de um sistema de defesa antimíssil na Europa central (ah, que saudade daquela antiga e conveniente escravidão!), sobre os sabres que aos poucos eram sacados de suas bainhas enferrujadas, uma melodia que se ouvia todos os dias nos tempos de Brejnev e Chernenko. E o objetivo de tudo aquilo, diziam, de todo aquele aparato de espionagem, era a necessidade crescente de saber quais eram os planos e intenções por trás da placidez daqueles olhos azuis e daquela ampla frente dourada, segredos aparentemente diferentes, mas os mesmos de sempre, segredos que precisavam ser roubados.

Por fim, um agente que mais parecia um traficante da Rota da Seda, um senhor de olhos verdes e sorriso enviesado, apareceu para um bate-papo informal.

– Energia, declínio populacional, recursos naturais, países-clientes – disse ele com uma voz grave e ressonante. – Esqueçam tudo isso. A Rússia é o único país capaz de plantar um míssil intercontinental na porta da Casa Branca. O *único*, e além disso eles têm um arsenal incalculável de armas nucleares.

Fez uma pausa para coçar o nariz, organizou os pensamentos, depois prosseguiu:

– Os russos odeiam os estrangeiros quase tanto quanto odeiam uns aos outros. E já nascem conspiradores. Sabem muito bem que são superiores, mas também são inseguros: têm a necessidade de ser respeitados, sobretudo temidos, exatamente como nos tempos da União Soviética. Eles querem estar no palco, querem ser aplaudidos. Têm verdadeiro horror ao papel secundário a que foram relegados no cenário internacional. Por isso Vladimir Putin está montando sua versão 2.0 da União Soviética. E ninguém vai se colocar no caminho dele.

Ficou por um momento em silêncio, avaliando as reações, e depois retomou a palavra:

– Sabem aquele garotinho birrento que puxa a toalha da mesa e quebra a louça só pra chamar atenção? Pois então. O Kremlin é esse garotinho birrento. Não quer ser ignorado, e aí vai quebrar toda a louça até que lhe deem ouvidos. Vai continuar vendendo armas químicas pra Síria, doando combustível nuclear pro Irã, ensinando a Indonésia a criar seus próprios sistemas de enriquecimento de urânio, construindo reatores de água leve na Birmânia... Pois é, pessoal, essa gente não conhece limites. O maior perigo, no entanto, é a instabilidade que tudo isso cria, o combustível que essas atitudes injetam em toda uma nova geração de malucos incendiários. A segunda Guerra Fria tem tudo a ver com o ressurgimento do Império Russo, e não se iludam achando que Moscou vá cruzar os braços e ficar esperando pra ver como a marinha chinesa se comporta *quando*, e não *se*, o caldo engrossar no estreito de Taiwan.

Ele deu de ombros sob o paletó espalhafatoso, depois concluiu:

– Dessa vez não será tão fácil. Vocês vão ter que encontrar um jeito de desarmar essa bomba. Fico até com uma ponta de inveja. – Ele ergueu a mão. – Boa caçada pra todos vocês! – desejou, e em seguida saiu da sala.

Todos permaneceram sentados e mudos.

Nate agora se achava irremediavelmente enredado nas maquinações de Moscou. Enquanto esperava o tão aguardado dia de sua partida, ele cumpria a última parte de um rigoroso treinamento especializado que incluía, entre outras coisas, aprender de um novo vocabulário operacional em russo. Obtivera permissão para examinar os “livros” – arquivos que continham as fotos de passaporte e também os dados mais relevantes sobre todos os agentes com os quais teria que se encontrar sob as barbas da vigilância russa. Vida e morte na neve. Ele agora era a ponta de uma lança, e das grandes. Seus colegas de turma se dispersaram e logo Nate os esqueceria. Outras vidas eram mais importantes agora. Ele nem sequer cogitava a possibilidade de falhar em sua nova missão. *Não podia* falhar.



Três dias após sua conversa com Gondorf, Nate estava num pequeno restaurante do aeroporto Sheremetyevo, em Moscou, esperando seu voo ser chamado. Havia escolhido um “sanwitz Cubano” e uma cerveja no cardápio engordurado.

A embaixada oferecera um facilitador administrativo para acompanhá-lo, a

fim de ajudar com as passagens e o controle de passaporte, mas ele recusara. Na noite anterior, Leavitt comprara umas cervejas no fim do expediente e eles haviam ficado conversando tranquilamente, evitando os assuntos mais óbvios, sem dúvida não mencionando o que todos os outros oficiais estavam pensando: que a carreira de Nate, assim como sua reputação, sofrera um duro golpe. As despedidas foram bastante artificiais.

A única notícia boa era que, dois dias antes, em resposta à notificação de dispensa enviada por Gondorf, o QG informara que uma posição de agente na vizinha Finlândia havia vagado de repente. Diante da fluência de Nate em russo, da abundância de russos na Finlândia e da mobilidade que o fato de ser solteiro lhe conferia, eles questionaram se ele se interessaria por uma designação lateral em Helsinki, começando de imediato. Nate aceitara, apesar das objeções iniciais de Gondorf, que depois acabara concordando. O convite formal para o novo posto havia chegado, seguido de um bilhete informal assinado por Tom Forsyth, o chefe da estação de Helsinki, simplesmente lhe dando as boas-vindas.

O voo da Finnair foi chamado e Nate seguiu com os demais passageiros para o setor de embarque. Com suas respectivas lentes de longo alcance, uma equipe de dois homens o observava do alto, numa sala privativa na torre de controle. A vigilância do FSB o seguira até o aeroporto para se despedir. O FSB, o SVR e, sobretudo, Vanya Egorov estavam convencidos de que aquela súbita partida tinha um bom motivo. Enquanto Nate entrava na aeronave e era fotografado pelos vigilantes, Egorov queimava os miolos em seu gabinete. Uma pena. Sua melhor pista para identificar o informante traidor estava indo embora. Ele levaria meses, talvez anos, para encontrar uma nova pista, *se* encontrasse.

Nash ainda era uma peça-chave, pensou o vice-diretor. O mais provável era que continuasse operando sua fonte fora da Rússia. Não poderia ficar à solta. Egorov sabia muito bem que a designação para Helsinki não era exatamente um empecilho incontornável. O SVR podia operar quase sem nenhuma amarra em toda a Finlândia e, melhor ainda, tinha total independência nas operações estrangeiras. Não haveria mais necessidade daquela chateação de trabalhar em harmonia com as bichinhas do FSB. “Vamos ver”, pensou Vanya. O mundo era pequeno demais para que alguém pudesse se esconder nele.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

